

A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA AMAZÔNIA

Portugal, sabedor que franceses, ingleses e holandeses exploravam o país das Amazonas com apoio dos indígenas, parte para reconquistar as terras do Novo Mundo. Inicialmente funda a cidade de Belém do Pará, construindo um forte para reprimir os invasores que iam em busca das riquezas ali existentes. Todavia, essa situação sofre mudanças radicais quando D. José I nomeia em 1751, para Governador da Amazônia, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do futuro Marquês de Pombal.

Mendonça Furtado notando que a população falava a língua dos índios propõe aos religiosos o ensinamento da língua portuguesa através da catequese e de outros ofícios, a todos, especialmente as crianças.

Em 1755, o Governador impõe o “Diretório”, libertando os silvícolas, advertindo que a única língua para uso era a portuguesa e elevando as Aldeias à categoria de Vilas com nomes portugueses, mostra que definitivamente estava na Amazônia implantada a língua portuguesa.

A evolução, a diversidade, a geografia e a política da língua é uma história ainda pouco conhecida.

No século XX, surgem entidades lusófonas governamentais congregando comunidades de sete países falantes do idioma português tentando preservar a língua. E recentemente, vemos Timor integrar esse bloco global para perpetuar a língua de Camões naquele espaço asiático.

A língua portuguesa desde o século XVIII enraizou-se na Amazônia através de brincadeiras infantis, da superstição, do teatro, da arte, do canto, da religiosidade, das festas populares, das histórias, das lendas como a do Sebastianismo e do linguajar cotidiano. É comum ouvir-se o povo dizer: sape gato, a comida está encruada, o menino acordou sarapantado, ele fez tudo atoreiro, fulano não se alembra do sonho, me arresponde onde está o objeto e assim sucessivamente...

Mendonça Furtado constatou que a construção de uma comunidade linguística depende mais da vontade e necessidade dos povos do que do Poder dos senhores.